AJUSTANDO A JUVENTUDE AO TRABALHO

Um Estudo de Ajustamento Ocupacional por Howard M. Bell, preparado para a Comissão Americana de Juventude.
Conselho Americano de Educação
Washington, D. C. — 1940.

Num volume de 278 páginas, o autor apresenta um programa de ajustamento ocupacional e inicia o seu trabalho justificando a necessidade e dever que tem tôda a comunidade de proporcionar à sua juventude um programa dêsse tipo, adequado, realista e inteligentemente coordenado, isto é, um programa que vá ao encontro dos interêsses e anseios dessa juventude.

Divide êsse programa em 3 partes:

1 — orientação vocacional;
2 — preparação vocacional;
3 — serviço de emprêgo.

Declara a orientação vocacional uma função primordial de tôda a boa educação, pois leva os jovens a uma melhor compreensão de si mesmos e do mundo em que vivem. Por outro lado ela é também a melhor garantia para que o jovem possa atingir o seu máximo desenvolvimento, o aproveitamento pleno de tôdas as suas possibilidades. Considera-a indispensável dentro da escola, sendo seu objetivo aí auxiliar o estudante na escolha das matérias, cursos e outras atividades. Analisa seu papel na agência de emprêgo, guiando o pretendente para que êle possa escolher o trabalho que mais lhe convém. Define-a, em resumo, como fator controlador num programa de ajustamento ocupacional.

Não obstante defender o princípio da instrução individualizada, reconhece que há necessidades ocupacionais que são comuns a todos os jovens e que já fazem parte dos "core curricula" das escolas mais progressistas. Mas, apesar disso, faz ver que os moços não podem ser tratados todos igualmente, pois seus interêsses e potencialidades são muito variados e por isso condena os métodos de produção em massa, tão comuns nos Estados Unidos, e a que nem o ensino escapou. Acusa êsses métodos de darem apenas uma vaga ilusão de que preparam jovens para a vida. Justifica essa acusação com as estatísticas em que se observa que 22,7% de jovens nunca receberam orientação vocacional de qualquer espécie, e para uma população de 7.166.000 estudantes, apenas 28,7% pode gozar

dêsse privilégio, sendo que nas escolas de negros essa falta é ainda mais sensível, e por êste motivo, um entre quatro jovens abandona a escola que falha na sua finalidade: satisfação de seus interêsses e necessidades.

Assinala como um dos objetivos principais da orientação, principalmente nas escolas vanguardeiras, criar um ajustamento satisfatório e proveitoso entre as necessidades individuais e os programas educacionais. Analisa o papel do conselheiro ou orientador, procurando por todos os meios compreender as necessidades individuais do estudante e ajudá-lo a escolher de um "curriculum" variado aquelas matérias ou cursos que maiores vantagens educacionais possam conferir-lhe. Um tal programa de educação, claramente se percebe, assenta no princípio de que, se o estudante participa de inúmeras necessidades ocupacionais de seus companheiros, também possui, por outro lado, algumas que lhe são mais ou menos peculiares. Esta orientação visa atender às diferenças individuais.

Afirma que um "curriculum" escolar só satisfará as necessidades dos estudantes através de um programa de orientação. Encarece a responsabilidade de conselheiros e professôres a quem cabe fazer a orientação dos jovens. Menciona algumas atitudes de educadores bem intencionados, mas mal esclarecidos, que admitem ainda um dos 3 programas:

1 — o chamado programa "laissez-faire", que se baseia na livre escolha do estudante ou dos pais, sem orientação alguma; programa prejudicial, tendo como conseqüências frustração, indiferença, enjôo, resistência a tudo que a escolaridade apresenta.

2 — O programa de direção única, que se aproxima do de "laissez-faire" e que consiste em preparar o estudante para uma das profissões intelectuais: medicina, ministério, magistério, jurisprudência etc., sem atender a seus interêsses vocacionais.

3 — Finalmente o programa de duas direções, menos infeliz que os anteriores, mas sem atingir o ideal de instrução individualizada, e que consiste em dividir a mocidade em dois grupos gerais:

a — acadêmico.
b — vocacional.

Neste sistema, os alunos mais brilhantes, os mais inteligentes e os mais agressivos, são encaminhados para o "College" depois de passarem por uma escola acadêmica. Os menos inteligentes ou os que mostram falta acentuada de entusiasmo pelo estudo, são classificados como trabalhadores potenciais e encaminhados para as escolas vocacionais.

O defeito dêste programa está precisamente em falhar quanto às necessidades que são comuns a todos os jovens. O ideal seria um grupo em que houvesse uma interpenetração tanto da educação vocacional como da acadêmica, pois ambos os tipos devem fazer parte de um programa. Insiste sôbre a importância de diferenciação quanto aos tipos de instrução nas escolas, dadas as condições da época em que vivemos. Menciona várias espécies de escolas, tais como:

de aprendizagem de ofícios;
profissionais especializadas;

vocacionais em geral;
comerciais;
politécnicas etc.

que testemunham a tendência sempre crescente à especialização, tendência essa que considera digna de encorajamento por ser promissora, contanto que atenda às necessidades tanto individuais como coletivas, devendo os estudantes ser encaminhados para elas, depois de examinadas convenientemente suas aptidões, capacidades e interêsses. Outro ponto importante para o ajustamento ocupacional é que os programas escolares sejam suficientemente variados, de molde a oferecerem aos moços meios de satisfação dos interêsses e necessidades individuais e do grupo de jovens que pretendem servir. Encarece o valor do conselho aos jovens, em qualquer circunstância, considerando-o um elemento indispensável de educação eficiente e fazendo sentir que êsse serviço não é indicado apenas para a criança-problema, mas que todo jovem necessita adquirir conhecimento razoável de si mesmo e do mundo social e ocupacional a que terá de ajustar-se num futuro mais ou menos próximo. Estabelece o papel da orientação, contribuindo para o ajustamento mais satisfatório entre aquilo de que o jovem necessita e o que lhe é ensinado. Observa o que representa o trabalho para quase todos os indivíduos: "O eixo em tôrno do qual giram tôdas as outras atividades e o meio de fixar o nível material em que vivemos, garantindo-nos uma certa segurança", mas frisa que por mais importante que êle seja, não é tudo para nós, "nem sequer a maior satisfação da vida". Diz que é êrro supor que a educação que se ministra na escola deva ser exclusivamente vocacional, pois a ela competem outras tarefas além do ajustamento do indivíduo às condições de emprêgo. Considera, contudo, de importância vital "o processo que consiste em ajudar o indivíduo a escolher uma ocupação, preparar-se para ela, entrar e progredir nela". Tal é a definição de orientação vocacional dada pela Associação Nacional de Orientação Vocacional.

Dos dois milhões e duzentos e cinqüenta mil jovens que, nos Estados Unidos, atingem cada ano a idade de empregar-se, 1.175.000 entram no mercado de trabalho inteiramente às cegas.

Traça em seguida as funções do conselheiro ou orientador vocacional, de onde se depreende ser a orientação uma necessidade contínua, pois não basta levar o jovem à escolha da profissão que melhor lhe convém, mas é mister promover o seu ajustamento dentro dela e isto num mundo permanentemente em mudança.

Na segunda parte do seu programa define a preparação vocacional como processo pelo qual se fornecem ao futuro trabalhador os elementos necessários para o bom desempenho de uma futura atividade ou seu ajustamento dentro dela.

Divide-a em 2 partes:

1 — Educação Vocacional;
2 — Treinamento.

Considera a educação vocacional indispensável a qualquer programa de ajustamento e como elemento essencial a uma escolaridade eficiente, devendo ser o seu escopo fundamental enriquecer os

"curricula" e suplementar a orientação vocacional.

Nela se devem incluir o cultivo das "virtudes vocacionais", a informação vocacional, a exploração de vários campos ocupacionais, visitas a lugares onde se realiza o trabalho, conversação com trabalhadores num largo círculo de ocupações, participação em inspeções ocupacionais, estudo das oportunidades de emprêgo, grau variável de perfeição etc.

Quanto ao treinamento, o têrmo é usado para identificar o processo de desenvolvimento das capacidades especializadas, indispensáveis à perfeita execução de um pequeno, mas importante número de modernas ocupações que requerem adestramento. Portanto, não se apresenta como elemento essencial num processo de ajustamento para todos os jovens e restringe-se àqueles que se destinam a determinadas profissões, não devendo ser da responsabilidade das escolas em geral, mas das indústrias que necessitam dessa aprendizagem especializada.

Tal como a orientação, a preparação deve ser contínua, em face das modificações que se operam nos processos de trabalho etc.

O Serviço de Colocação é o terceiro fator num processo total de ajustamento. Consiste na assistência prática aos jovens que procuram trabalho e aos empregadores com vagas que possam ser preenchidas por êles. Êste Serviço é uma seqüência lógica dos dois anteriores.

O relatório de 1938, da Conferência Nacional Ocupacional define-o como "o objetivo final para o qual aponta, quer a instrução ocupacional, quer a orientação ocupacional".

Êstes serviços são promovidos pelas agências de colocação para "juniors", cuja função principal é descobrir trabalho para jovens desempregados e trabalhadores iniciantes ou sem experiência. E' de responsabilidade pública o exercício desta função. Depois do "Wagner Peyser Act", de 1933, aumentou consideràvelmente o número destas agências pela compreensão dos problemas e necessidades com que tem de defrontar-se o trabalhador principiante. Outras funções das agências de emprêgo são: fazer compreender à comunidade a necessidade de seus serviços; procurar os empregados selecionados por orientação e testes, oferecendo-os aos empregadores; convencer os empregadores das vantagens de recorrer às agências na procura de empregados; continuar o processo de orientação dos jovens; estabelecer um serviço de visitadores que procuram os empregadores, escrevem notícias nos jornais locais, dirigem-se aos grupos da comunidade e participam de programas de rádio, a fim de dar ao serviço de emprêgo a maior expansão; têm, também, um serviço permanente de informação sôbre as necessidades locais e as possibilidades do momento no mercado local de trabalho; promovem estudos e pesquisas a fim de levar ao conhecimento dos administradores escolares qual a distribuição geográfica e ocupacional dos jovens graduados, egressos das escolas, a fim de que, em caso de necessidade, se possam fazer alterações nos curriculos; acompanham os solicitantes até o seu perfeito ajustamento ao trabalho; procuram tirar deduções das respostas às seguintes perguntas:

1 — De quanto tempo dispõe o jovem para o trabalho?

2 — Está realizando satisfatòriamente a sua tarefa?

3 — Sente-se à vontade no trabalho?

4 — Vê possibilidade de promoção?

5 — Se deixou o trabalho, qual o motivo?

As respostas oferecem também informação valiosa para os entrevistadores ocupacionais, os conselheiros vocacionais e os educadores. Êstes estudos evitam, por por outro lado, a repetição de erros e promovem o progresso no campo do ajustamento ocupacional. O sistema de colocação compreende ainda o reajustamento e retreimento dos jovens trabalhadores a novas profissões, mais compatíveis com as suas aptidões. A agência de colocação deve ser ainda um centro para os jovens. Não podendo, geralmente, colocar mais de um em cinco, cabe-lhes, contudo, cuidar dos outros quatro, familiarizando-os com os recursos recreativos e educacionais das suas comunidades, o que será sempre melhor que deixá-los entregues ao desespêro, aos vícios, crime ou à apatia. No caso de haver agências especialmente destinadas a êsse fim, deve o bureau de emprêgo encaminhá-los a elas bem como aos Institutos que oferecem serviços médicos, dentários, tratamento psiquiátrico etc. Êste serviço de colocação é prestado no bureau público de emprêgo ou nas escolas públicas. Levantam-se, porém, obstáculos ao serviço de colocação permanente, tais como: falta de coordenação entre as diferentes agências, falta de coordenação entre as agências e as escolas; não terem as escolas da comunidade um programa de orientação adequado ou não possuírem programa algum; por não terem relatório ou o possuírem ineficiente; por defeitos na transcrição e transferência dos dados pertinentes à informação a ser fornecida à agência de colocação, tais como: escores de aptidão, resultado de testes, notas das matérias escolares, interêsses, atividades extracurriculares etc. Tôdas estas falhas constituem as fraquezas da maioria dos programas de ajustamento. Encarece o autor ainda a importância vital da cooperação não só entre as escolas e o bureau público de emprêgo mas, também, por parte dos empregadores.

Para conhecer a capacidade profissional e vocacional dos pretendentes, a agência de colocação deve ter pessoal especializado e facilidades para a orientação. A escola fornecerá a informação acumulativa de dados pelos seus registros, a respeito de cada indivíduo e sôbre essa informação construirá o agente o seu plano de orientação, evitando um dispêndio maior de tempo e dinheiro e uma duplicação de esforços. Quando a escola não puder fornecer dados significativos, a agência de emprêgo deve, então, aconselhar sòzinha. Para êsse conselho, servir-se-á dos meios ao seu alcance, tais como os testes etc. Os serviços de uma agência de colocação devem ser levados ao jovens nos lugares mais afastados do centro de mercado do trabalho, por agentes itinerantes em visitas periódicas às escolas e comunidades locais. Nessas visitas, oferece-se a oportunidade aos jovens de se registrarem para o emprêgo e de serem instruídos sôbre possibilidades, natureza e extensão das exigências

de emprêgo. Passa o autor, em seguida, a justificar os motivos por que é para desejar que a agência de emprêgo desenvolva e expanda o programa de colocação: nem a idade nem o lugar de nascimento do indivíduo devem ser obstáculos à oportunidade de gozar dos benefícios que oferece essa instituição.

Para fornecer ao jovem o serviço de ajustamento ocupacional, acha bom dividir a nação em mercados locais de trabalho, com suas agências próprias, onde se possa desenvolver um programa de pesquisas para maior eficiência do programa total de ajustamento.

Como bases fundamentais de um tal programa de pesquisa estabelece:

1 — conhecimento da comunidade;

2 — conhecimento dos trabalhos;

3 — conhecimento dos trabalhadores.

O conhecimento da comunidade abrange os seguintes aspectos:

a — estudo do mercado local de trabalho, para guiar os responsáveis por um programa de ajustamento quanto à necessidade de revisão dos currículos, quanto ao conselho e à colocação;

b — estudo das tendências nacionais e das da comunidade em relação com o campo ocupacional;

c — efeitos da mudança de população sôbre o ajustamento ocupacional;

d — organização do programa da comunidade baseado nos dados colhidos;

e — estudo das mudanças de padrões ocupacionais;

f — pesquisas sôbre futuros padrões ocupacionais, em face das mudanças de técnica (invenções, automatismo, emprêgo de instrumentos de contrôle etc.), descentralização industrial, recursos industriais, transporte, legislação, guerra etc.;

g — estudo das principais tendências na distribuição ocupacional; avaliação dessas tendências no âmbito nacional e local;

h — diminuição dos recursos industriais.

Encarece o valor do conhecimento da comunidade para o planejamento do programa educacional geral de harmonia com o mercado de trabalho, e faz um estudo de uma comunidade urbana e de uma comunidade rural, baseado em dados estatísticos.

Apresenta-nos também o exemplo de três experiências feitas no campo ocupacional, instruindo-nos sôbre a maneira como foi feito o estudo: na cidade de Canton, Ohio; em Pittsburgh, na Pennsylvania; em Freeport, na Pennsylvania.

Para conhecimento dos trabalhos, fizeram os analistas de trabalho, pesquisas, cujos resultados foram aproveitados nas descrições dos trabalhos nacionais e sua adaptação aos programas locais, em face das alterações que podem apresentar.

Dá, a título de exemplo, a descrição de alguns trabalhos, obedecendo ao seguinte plano:

sumário de trabalho;
trabalho realizado;
equipamento necessário;
condições de trabalho;
relação com outros trabalhos;
qualificações especializadas.

Como fontes nacionais americanas de descrições de trabalho a que se pode recorrer, cita: Divisão de Serviço de Emprêgo Fede-

ral; Administração Nacional da Juventude; Conferência Nacional Ocupacional; além de outras organizações. Indica como podem ser feitas as descrições do programa local, por meio de monografias industriais, advertindo que a informação deve ser exata, compreensível e imparcial, não devendo, porém, as monografias substituir o conselho. Explana também a importância do esfôrço de cooperação.

Quanto ao conhecimento dos trabalhadores, baseia-se principalmente em testes e medidas: êstes, diz o autor, devem ser os instrumentos do conselheiro para predizer o sucesso ou insucesso nos vários campos ocupacionais.

Psicometristas, psicologistas industriais ou simples psicologistas são os operários da pesquisa. Frisa também a necessidade do conhecimento, não só do uso específico, como também da limitação dos testes e sua adaptação para uso local, acentuando as vantagens do emprêgo em muitos casos, de baterias gerais de testes.

Também os analistas reconheceram, logo de início, que o melhor tipo de testes é o que pode levar a descobrir as capacidades individuais numa família de ocupações. Verificaram ainda que com um número variado de baterias, poderiam agrupar-se, grosso modo, trabalhadores com especializações e características similares ou intimamente relacionadas. Por outro lado, acharam conveniente classificar também famílias de profissões que requerem do trabalhador idênticas ou semelhantes aptidões e capacidades.

Aconselha o autor a estandardização das baterias gerais e o seu emprêgo, enquanto não houver pessoal suficiente e recursos para desvendar as diferenças individuais dos futuros trabalhadores, sendo que nos casos de profissões que requerem capacidades especiais, a bateria geral deve ser apenas um passo preliminar. Os tipos de testes empregados são os de inteligência, aptidões, capacidade e performance, segundo os casos, para conhecimento das vocações e interêsses.

Considera de primordial importância relacionar o resultado dos testes com o registro acumulativo, sempre que possível, antes de formular uma conclusão.

Chama a atenção para um fato importante no planejamento do programa da comunidade e que consiste em não estarem muitas agências devidamente aparelhadas para aplicação eficiente dos testes.

Prova como o dispêndio com pessoal especializado e aparelhamento para a execução dêste programa deve merecer todo o apoio por parte do empregador pelos benefícios que êste auferirá em rendimento de trabalho, o que é indubitável quando o trabalhador está perfeitamente ajustado ao seu labor.

Confessa que é mister trabalhar ainda muito para criar e experimentar novos testes, mas admite que a urgência exige que se utilizem os já existentes, procurando estender seus benefícios ao maior número de jovens possível.

Menciona o livro de Walter V. Bingham — "Aptitudes and Aptitude Testing", como o que melhor e mais inteligentemente apresenta as vantagens, limitações e usos de testes de aptidões.

Reconhece que êstes testes não são um substituto para o senso comum e a introspecção, mas de-

clara que podem servir para modificar o julgamento do conselheiro desde que êste saiba relacioná-los com os elementos colhidos da história pessoal e da entrevista, afirmando que com tais meios o conselheiro não só pode apontar ao jovem o melhor alvo, mas também como enriquecer pelo caminho as suas possibilidades.

Passando a analisar o papel da comunidade, salienta o valor da pesquisa econômico-social e ocupacional num programa de ajustamento ocupacional da comunidade e estabelece o que compete às comunidades para atingir êsse fim:

a — examinar os jovens para descobrir a natureza, medida e extensão de suas necessidades, no que se refere à orientação vocacional, à preparação e à colocação;

b — inspecionar as agências que servem a juventude para conhecer até onde vão as possibilidades das mesmas, seu aparelhamento e pessoal especializado de que dispõem;

c — promover o estudo do mercado local de trabalho, para guiar os responsáveis por um programa de ajustamento ocupacional sôbre a necessidade possível de alteração do currículo, conselho e colocação;

d — publicar monografias industriais para fornecer informações ao estudante, pretendentes a emprêgo e conselheiros, sôbre ambientes industriais da localidade em que é possível achar emprêgo;

e — publicar monografias ocupacionais para informação de jovens, professôres, conselheiros, entrevistadores, sôbre as ocupações locais numèricamente significativas.

Nos três últimos capítulos de seu livro traça os passos iniciais para o desenvolvimento de um programa da comunidade, os padrões de ação e organização da mesma.

Como passos iniciais para o desenvolvimento de um programa da comunidade, menciona:

1 — obter o apoio do público em geral, educadores e agentes de colocação;

2 — obter o apoio das agências locais;

3 — descobrir a extensão das necessidades ainda não observadas para o serviço de ajustamento (o autor ilustra êste item com mapas em que está assinalada para uma região — Denver — a proporção dos jovens desempregados ou parcialmente empregados);

4 — fornecer meios adequados para satisfazer essas necessidades, especialmente em pessoal treinado para êsse fim;

5 — incentivar a pesquisa, que é uma necessidade contínua num mundo permanentemente em mudança;

6 — planejar um serviço adequado, para o qual é mister conhecer:

a — quantos orientandos devem caber a um orientador (segundo a estimativa, parece que 300 num horário integral, embora nos Estados Unidos exista, hoje, apenas um orientador para cada grupo de 3.200 alunos);

b — quantos pretendentes para cada entrevistador (da pesquisa feita calcula-se que devem ser 750 por ano);

c — qual a variabilidade dos requisitos pessoais.

E' óbvio que tudo isto deve corresponder às necessidades e possibilidades de cada localidade, podendo os conselheiros ser, por vê-

zes, substituídos pelos professôres mais capacitados.

Testemunhando a validade do brocardo que afirma que "cá e lá más fadas há", faz o autor uma acre censura aos "programas de papel", geralmente inexeqüíveis, ou esboçados ùnicamente para justificar uma posição.

Examinando em seguida os padrões de ação da comunidade, mostra, em primeiro lugar, o caráter orgânico do processo de ajustamento, isto é, um todo formado não de partes independentes mas interdependentes, e como para atingir seu objetivo carece da boa vontade, compreensão e desejo por parte da comunidade de reduzir a frustração e os prejuízos de um mau ajustamento. Expõe o modo como uma comunidade pode desenvolver uma pesquisa capaz de descobrir os fatos econômicos ou psicológicos que atuam sôbre os seus trabalhadores e também sôbre o campo ocupacional.

Acha que não há melhor campo de ação que a própria comunidade e apresenta um plano de atuação que esta pode desenvolver, salientando que, para fins de ajustamento ocupacional, ela é o "mercado local de trabalho", ou seja, "a área dentro da qual os trabalhadores, pelo menos nos tipos mais comuns de trabalho, podem deslocar-se de trabalho para trabalho, sem mudar necessàriamente de residência".

Acentua o valor da divisão do país em tais mercados locais de trabalho e mostra em que base foi feita essa divisão pelos analistas do Serviço de Emprêgo, e quais os fatôres que lhes mereceram particular atenção:

1 — população total da área;
2 — número e tipo de trabalhadores remunerados;
3 — número de trabalhadores empregados e desempregados;
4 — número e espécie de trabalhadores acobertados pelas compensações de desemprêgo do Social Security Act;
5 — localização das zonas rurais e estabelecimentos em relação às áreas residenciais dos trabalhadores.

A localização da agência de emprêgo depende do estudo do mercado de trabalho local, e a cidade ou centro onde fôr localizada será o núcleo e centro de operações para um programa de ajustamento da comunidade.

Como tipos da ação da comunidade apresenta:

1 — planejamento preliminar;
2 — observação dos jovens;
3 — supervisão das agências que servem a juventude local;
4 — estudo do mercado de trabalho local;
5 — censo ocupacional local;
6 — descrição dos trabalhos locais.

Da experiência feita na comunidade de Frederick, nos Estados Unidos, verificou-se que qualquer comunidade, por mais pequena que seja, pode dar a seus jovens um programa de ajustamento ocupacional pouco dispendioso, utilizando inteligentemente os próprios recursos.

Sôbre os padrões de organização da comunidade quanto ao serviço de ajustamento ocupacional, apresenta-nos o exemplo de 4 comunidades que foram escolhidas como laboratórios para a pesquisa, sendo que cada uma delas apre-

sentou um modêlo diferente de organização.

Numa das citadas comunidades coube exclusivamente à escola providenciar o serviço de colocação; noutra a um bureau de emprêgo; noutra, o programa se desenvolveu com a cooperação de ambas as agências, finalmente, noutra ainda a responsabilidade administrativa coube à escola, mas o serviço de emprêgo estadual contribuiu com uma parte do total das despesas.

Muitos outros tipos de organização poderiam ser desenvolvidos. Os padrões de organização não importam, nem é preciso dizer com precisão qual o padrão ideal, visto que em algumas localidades a escola desempenha essas funções satisfatòriamente e em outras o bureau, ou ainda os dois em cooperação. Para o êxito de um programa dêste gênero a estrutura da organização é apenas um fator; outros fatôres, talvez mais importantes, são a proporção de simpatia e a consciência das vantagens sociais, materiais e pessoais de um tal programa, revelada por uma coletividade; o grau de importância que êle possa ter adquirido; a boa vontade e os recursos de que dispõe a comunidade para financiar o empreendimento; a qualidade de dirigentes profissionais da localidade; a capacidade das agências locais e dos indivíduos para submeter os interêsses individuais aos interêsses da comunidade e do objetivo único, que é o desenvolvimento de um programa adequado e bem coordenado.

Aponta como fatôres negativos à realização do ajustamento eficiente: uma direção inepta; má execução dos serviços; fraco apoio por parte do público; competição entre as agências.

Em resumo, tôda a organização deve tender à realização do objetivo único — o bom êxito do empreendimento —, relegando a plano secundário peculiaridades de estrutura que são menos importantes que os outros fatôres, não querendo com isto dizer que se considerem todos os modelos de organização como igualmente eficientes.

Sôbre o problema da organização recomenda o trabalho de Keller e Viteles — *Vocational Guidance Throughout the World* (N. York: W. W. Norton and Co., 1937), onde se encontra rico material sôbre o assunto. Chama também a atenção para o livro intitulado "The Needs of Youth", publicado na Inglaterra, baseado em parte nas experiências feitas neste campo, na Grã-Bretanha, e que considera digno de estudo por parte dos americanos. Nesse livro o autor menciona também a cooperação do Ministério do Trabalho nos serviços de ajustamento ocupacional. Para evitar duplicação de esforços, já em 1923, na Inglaterra, se decretava que nas localidades em que a responsabilidade do serviço de ajustamento ocupacional foi assumida com sucesso pelas autoridades educacionais, continuassem elas a assumir essa responsabilidade e nas demais coubesse essa tarefa ao Ministério do Trabalho, mas sob o contrôle das autoridades educacionais nas localidades em que os programas fôssem elaborados pelas escolas.

Em 1939, cêrca de 2/3 dos programas de colocação locais estavam sob a jurisdição imediata do Ministério do Trabalho e o têrço restante, entregue às escolas, re-

cebia a assistência financeira daquela entidade.

A questão de responsabilidade dos serviços de colocação foi amplamete debatida, quer na Inglaterra quer nos Estados Unidos.

Opinam uns pela escola, alegando o conhecimento mais íntimo que ela tem do jovem trabalhador potencial; opinam outros pelo Ministério do Trabalho ou pelas agências públicas de emprêgo, sob a alegação de que êstes conhecem melhor o campo ocupacional, os problemas do comércio e da indústria, e estão por isso mais bem aparelhados para oferecer ao jovem o que lhe convém.

O autor considera essas discussões fúteis e nascidas apenas do instinto de preservação que obriga a proteger aquelas funções que são o ganha-pão.

Assinalando as vantagens da cooperação para o almejado objetivo, faz contudo algumas restrições ao programa de colocação em que atuam duas agências: a escola e o bureau público de emprêgo. São elas: duplicação de esforços; maior dispêndio do numerário, estímulo que oferece a competições, beneficiando a quantidade em prejuízo da qualidade do serviço prestado.

Escolas há que, admitindo o plano de duas agências, limitam suas responsabilidades de colocação aos seus graduados. Outras cuidam apenas de sua primeira colocação, mas, é claro que no caso do jovem não se ajustar a êsse primeiro trabalho, terá de recorrer às agências, incorrendo-se assim, de novo, no defeito da duplicação de entrevistas, diagnose ocupacional etc. E as desvantagens dêste plano vão ainda mais longe, pois podem impedir que os problemas de ajustamento individual dos jovens mereçam uma atenção mais cuidadosa. O desejável seria, pois, a ação conjunta de um grupo de indivíduos e agências, inteligentemente organizados e unificadas, com a compreensão da magnitude do problema.

Como trabalho de cooperação, o bureau de emprêgo pode e deve realizar a tarefa de acompanhar os jovens até o seu perfeito ajustamento e fazer estudos posteriores à colocação dêle, a fim de fornecer à escola elementos sôbre os problemas que surgirem no seu ajustamento ocupacional. Com os dados colhidos neste estudo serão elaborados novos programas. Outros tipos de cooperação são as trocas de informações entre as agências. Também a assistência financeira e a cessão de técnicos especializados podem ser consideradas como tipos de cooperação.

Finalizando, diz-nos o autor que, como a colocação dos jovens é uma responsabilidade da comunidade, tôdas as agências relacionadas com êstes problemas devem participar da execução de um tal programa.

Analisando o papel do lar, frisa que um programa verdadeiramente coordenado não envolve apenas as agências governamentais e privadas, mas nêle tem o lar uma grande função a desempenhar. Incita os pais a cooperar, recusando-se a sugerir, impor ou tomar partido durante o período de exploração vocacional dos filhos, e a cooperar ainda, instando pela criação ou desenvolvimento de tais serviços em todos os pontos do país.

* * *

Focalizar objetivos, traçar diretrizes, fazer a apoteose de grandes ideais são coisas nobres, mas por

demais exploradas por aquêles cuja intenção, infelizmente, é muito outra que a de servir a juventude. O livro de Howard M. Bell, contudo, impõe-se pela honestidade gritante de seus propósitos, pela compreensão inteligente da necessidade e do dever que cabe a tôdas as comunidades de olhar mais além do dia de hoje para os problemas dos seus jovens, que são também os mais importantes de qualquer nação.

O aproveitamento do imenso potencial de valores humanos nas tarefas a que melhor se ajustam, traz alegria de viver e promove indubitàvelmente o progresso material de um povo.

A realização de um tal programa honra e depõe a favor dos valores intelectuais de uma coletividade.

O programa apresentado, alicerçou-o o autor em longa e cuidadosa pesquisa controlada por dados estatísticos e subseqüente experimentação, como acabamos de ver, mas o que singulariza o trabalho de H. Bell é o cuidado que lhe mereceu o estudo dos obstáculos que poderiam levantar-se à execução de tal planejamento e as soluções que apresenta para desencorajar os negativistas de qualquer espécie, não deixando margem a desculpas.

Para finalizar, faz depender fundamentalmente o bom êxito de sua obra, dessa trindade magnífica, a que poderíamos chamar a Santíssima Trindade de todos os sonhos dos idealistas: entusiasmo, fôrça de vontade e compreensão do valor da obra que se pretende realizar.

A América prepara, sem dúvida alguma, o advento de uma geração mais feliz do que a nossa.

M. SILVA